

Novos Alfaiates, Velha formação.
New Tailors, Old professionalization.

Autora: Juliana Barbosa

Professora e Coordenadora do Curso de Design de Moda EBA-UFMG

Professora do Curso Moda – Minas Gerais Educação - UNA

julianawinck@eba.ufmg.br

julianawinck@prof.una.br

Resumo

A alfaiataria vem passando por um período crítico, onde o risco de se extinguir está cada vez mais evidente. O presente artigo relata a experiência que vive o Projeto “Preservação da Alfaiataria Tradicional em Belo Horizonte e Região Metropolitana”, através dos esforços dispensados no resgate da relação mestre/aprendiz para posterior formulação de novas metodologias de ensino.

Palavras-chave: Alfaiataria, aprendiz, mestre, metodologias de ensino.

Abstract

The tailoring is experiencing a critical period in which the risk of dying out is becoming increasingly prominent. This paper reports the experience of the research project "Preservation of Traditional Tailoring in Belo Horizonte and its Metropolitan Area," which is engaged in efforts aimed redemption of the master/apprentice to then formulate new teaching methodologies.

Keywords

Tailoring, Learner, Teacher, Teaching Methodologies.

A alfaiataria vem passando por um período crítico, onde o risco de se extinguir está cada vez mais evidente.

Esta situação se dá de certa forma pela não valorização destes profissionais pela própria categoria e em decorrência disso outras implicações.

São poucos os alfaiates que entendem o valor de seu trabalho e se reconhecem como tal.

Trata-se de uma categoria com pouca ou nenhuma articulação social e política, o que faz com que se coloquem em uma posição ainda mais delicada, e que se difere em muito das organizações medievais, onde eram representados através das Guildas de Alfaiates com forte atuação dando origem inclusive aos primeiros sindicatos como mostra a imagem abaixo (fig.1).

Fig. 1



“Os síndicos da guilda dos alfaiates”, de Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1662, óleo sobre tela, 191,5cm X279cm, Museu Rijksmuseum de Amsterdam).

Trabalhando hoje individualmente, em seus ateliers, repetem um modelo que vem desde seus primeiros registros na Idade Média em oficinas que em nada se diferem das representações do século XVII como o quadro representado por Quiringh Gerritsz Van Brekelenkam - Interior de uma alfaiataria, 1655-60 (fig.2).

Fig.2



Quiringh Gerritsz Van Brekelenkam
Interior de uma alfaiataria, 1655-60

Com exceção da ausência da máquina de costura e a posição de trabalho do alfaiate em cima da mesa (sentar de alfaiate) pouca coisa mudou. Um ambiente rústico, austero, simples desde a mesa de corte, até o dedal e a tesoura utilizada.

Desta forma a alfaiataria se manteve no decorrer dos anos, com a mesma formação e disposição dos sujeitos: mestre/aprendiz até chegar a esta última geração a que temos acesso.

A euforia inicial com os avanços das tecnologias da indústria de confecção, fez com que este e outros ofícios tais como os do sapateiro e do chapeleiro tornassem-se desvalorizados. Somado a isso, mudanças no comportamento e na maneira de vestir, tendo como representante deste momento a criação da calça Jeans e todos os reflexos que dele derivam tais como a jovialidade, uma inicial ideia de rebeldia e posteriormente o conforto.

Desta forma não só o alfaiate, mas também a costureira modista¹ perderam espaço para as roupas compradas prêt-à-porter², de marcas nacionais ou estrangeiras. Usar roupa sob medida parecia algo ultrapassado para uma geração que queria se vestir como todo mundo, com as mesmas cores e mesmos cortes.

Décadas se passaram e o que vemos hoje é um retorno ao que é único e exclusivo sobretudo artesanal. Vemos o retorno de ateliers de roupa feminina de roupas casuais, e o interesse de homens jovens pela alfaiataria. Porém, ambas vivem realidades diferentes apesar de tratar de duas áreas próximas no campo da moda.

A alfaiataria, ao contrário do que acontece com o universo feminino, vive um período crítico em que a sua continuidade encontra-se comprometida. Ao contrário do que acontece na grande maioria das escolas de moda, os assuntos que contemplam esta área são abordados de forma muito superficial em consequência do próprio espaço destinado a esta área que apenas apresenta seu conteúdo sem aprofundar-se. Aliás, este aprofundar-se requer uma carga horária extremamente elevada, é uma transmissão de conhecimento que não se dá apenas em bancos escolares e sim no dia a dia de uma alfaiataria na secular relação do mestre/aprendiz.

A evolução do saber na moda contemplou quase que a totalidade de seus segmentos, desde a criação até a apresentação do produto final. Porém não se ateu a este universo tão particular que é o do alfaiate.

Formar um alfaiate é algo muito mais complexo que formar um operador de máquina como muitos programas de capacitação sugerem.

A arte do alfaiate, complexa e de difícil penetração, exige longos anos de devotamento, divididos entre o estudo e a prática. Bases deste estudo e dessa prática são sem dúvida alguma a Anatomia, a Matemática e a Geometria. (CARNICELLI, J., p.19)

¹ Clássica costureira da década de 50 que também possuía conhecimentos de estilo, autodenominando-se modistas. Uma espécie de mescla das profissões de modelista e estilista.

² Termo francês, refere-se à roupa comprada pronta.

São vários os conhecimentos que um aprendiz deve abarcar e que diz respeito à educação interdisciplinar que tanto é discutida e a que temos anseio na prática de nossa docência.

O requisitos para que um aprendiz se torne verdadeiramente um alfaiate vão desde o conhecimento técnico da área têxtil como o entrelaçamento do tecido, sua composição, o melhor entretelamento, o melhor caimento a determinado modelo, passando pela área da modelagem do paletó (ou qualquer uma das outras peças que formam o terno: calça e colete) e que representa uma verdadeira engenharia, num projeto de riscos que aliam conhecimentos matemáticos e a anatomia do corpo com todas as suas particularidades, a produção desta peça que exige extrema habilidade manual na execução de uma série de pontos que darão o perfeito caimento a uma gola e lapela, ou o mais exigido que é o perfeito encaixe de uma manga (dizem que um verdadeiro alfaiate se reconhece pela manga que é capaz de executar), até a fase final da entrega do produto, aliando noções de marketing, administração e negócios.

No entanto, os próprios alfaiates desconhecem esta gama de competências e habilidades que lhes é exigida ou às vezes as compreendem, porém sem saber classificar estes conhecimentos de forma acadêmica.

Toda esta gama de conhecimentos foi adquirida de forma completamente empírica e tácita, através do dia a dia das oficinas, pela observação do trabalho dos mestres, pelas próprias experiências. Tem total conhecimento da característica dos tecidos, seus problemas de encolhimento sem que para isso nunca tenham entrado em uma indústria de tecelagem e acompanhado os processos têxteis desde a fiação até o acabamento destes tecidos.

É de se admirar esta concepção que adquirem através dos anos apenas pelo toque e pelas experiências bem ou mal sucedidas que vivenciaram.

Desta gama de habilidades e competências que foram destacadas, a principal e talvez a mais difícil de transmitir é a do gestual técnico que eles detêm. Todo o conhecimento referente aos padrões de tecelagem,

entretelamentos, modelagens são passíveis de se registrar com precisão e de relativa fácil transmissão, onde a mais antiga publicação data de 1589, criado pelo alfaiate espanhol Juan de Alcega – “Libro de geometría práctica y traça”, até publicações mais recentes através de vários métodos de diferentes nacionalidades.



Libro de Geometria Prática y Traça. Juan de Alcega, Espanha (1589)

Porém o mesmo não ocorre ao seu gestual no ato de conceber a peça, na posição adequada de segurar o dedal e seu manuseio, na maneira de esculpir a lapela ou gola de um paletó, com exceção de algumas tentativas, porém sem grande representatividade.

Este é o grande desafio quando falamos da alfaiataria tradicional. Como transmitir este conhecimento tácito, de difícil codificação de maneira a contemplar na sua totalidade a execução correta dos movimentos?

Pensando nesta problemática, em 2012 numa parceria firmada entre uma associação sindical e uma instituição de ensino foi dado início a um projeto intitulado: “Preservação da Alfaiataria Tradicional em Belo Horizonte e Região Metropolitana”³, em que foram concedidas cinco bolsas de estudo pelo sindicato para cinco aprendizes, cada um deles alocado em uma alfaiataria distinta com seu mestre alfaiate. São eles tradicionais aprendizes, porém com uma visão mais apurada, buscando reter e codificar o mais sutil dos movimentos. Registrados através de fotografias e imagens para posteriormente ao final do projeto criar uma metodologia de ensino o mais próxima possível desta vivência, uma vez que esta relação mestre/aprendiz está com seu tempo

³ Projeto de extensão criado em 2012 na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em parceria com o Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Minas Gerais - SINDIVEST

pré-determinado, consequência das transformações de transmissão de conhecimento deste ofício.

Estes aprendizes cumprem uma jornada semanal de 16h junto aos alfaiates (4h em quatro dias da semana) e um encontro semanal com o coordenador do projeto, para trocar as experiências e percepções vivenciadas no decorrer da semana além de complementar o aprendizado recebido nas alfaiatarias. O anseio é o de ampliar o projeto alcançando mais alfaiates que estejam dispostos a ensinar, já que esta é uma característica muito singular, presente apenas em uma pequena parcela destes oficiais⁴.

Estes aprendizes vivenciam um aprendizado muito significativo, onde além dos conhecimentos técnicos e tácitos adquirem também outras concepções a respeito da ética e da postura profissional. A relação que se estabelece entre estes alunos e seus mestres alfaiates assemelham-se a uma relação de pai e filho.

Eles foram realmente “adotados” por seus mestres, que desprovidos das obrigações trabalhistas ⁵(uma vez que eles estão vinculados a um projeto de extensão universitária, sentem-se a vontade para recebê-los e transmitir-lhes seu conhecimento).

Os alfaiates que participam do projeto entendem a importância desta ação, contribuindo de forma significativa para o perfeito andamento do programa.

Desta forma, o objetivo deste projeto é o de formar multiplicadores dentro do rigor estabelecido pelos alfaiates aliados aos conhecimentos adquiridos no meio acadêmico através do curso de graduação, para que então este ofício consiga se manter de forma organizada e profissional na cidade de Belo Horizonte e arredores.

⁴ Oficial alfaiate é a forma como eles se denominam. Divide-se em classes como estas: oficial proveiro, oficial acabador, oficial buteiro, mestre alfaiate.

⁵ Os avanços das relações trabalhistas é que decretaram o fim do aprendiz, uma vez que os alfaiates não possuem condições de arcar com os encargos que lhes é exigido na contratação de um estagiário, e também por não conceber a ideia de pagar para que alguém aprenda seu ofício, uma vez que seu processo de aprendizagem se deu em moldes muito distintos destes, em que ingressaram em idade muito precoce, em geral 12 anos de idade, passando por um longo período de aprendizagem para então receber seu primeiro soldo.

É um trabalho árduo, quase que utópico, mas que conta com a motivação e a dedicação de excelentes alunos além da generosidade e doação dos alfaiates que participam do projeto. É uma pequena ação frente à grandiosidade deste ofício com tamanha importância, uma vez que muito está sendo feito para se registrar a história, a imagem destes oficiais, porém pouco ou quase nada com relação ao “fazer” do alfaiate.

Contribuir para que esta profissão não se extinga é o principal compromisso destes aprendizes.

REFERÊNCIAS

CARNICELLI, Júnior. *Methodo de Corte Completo*. Editora Cia. Brasil, Rio de Janeiro, 1937.

FISCHER, Anette. *Fundamentos de Design de Moda: Construção de Vestuário*; tradução Camila Bisol Brum Scherer. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MACKLOCHLAINN, Jason. *The Victorian Tailor: Techniques and patterns*. London: Batsford, 2011.

SOUZA, Sidney Cunha. *Introdução à tecnologia da modelagem industrial*. Rio de Janeiro: SENAI/DN, SENAI/CETIQT, CNPq, PADCT, TIB, 1997.

V&A Publishing. *Victoria and Albert Museum*. South Kensington, London SW7 2RL, 2011.

JUAN DE ALCEGA: Um Sastre del Siglo XVI. Disponível em: <http://historiadelaModaylostejidos.blogspot.com.br/2011/09/juan-de-alcega-un-sastre-del-siglo-xvi.html>. Acesso em 10.06.2013